

KARL PFLEGER

**CHESTERTON**  
O AVENTUREIRO DA ORTODOXIA



STELLA EDITORA

CHESTERTON

O Aventureiro da Ortodoxia

## COLEÇÃO PRESENÇA

Dirigida por Frei Mansueto Kohnen, O. F. M., professor de Literatura na Universidade Católica do Rio de Janeiro

- 1.º vol.: A ÚLTIMA AO CADAFALSO — Gertrud von Le Fort.
- 2.º vol.: RETORNO A CRISTO (1.º)
- 3.º vol.: RETORNO A CRISTO (2.º)
- 4.º vol.: CHARLES PÉGUY, O BOM PECADOR — Karl Pflieger
- 5.º vol.: DOSTOIEVSKI, O HOMEM DO SUB-SOLO — Karl Pflieger
- 6.º vol.: CRISTO EM NOSSOS CAMINHOS — Desplanques
- 7.º vol.: CHESTERTON, O AVENTUREIRO DA ORTODOXIA — Karl Pflieger
- 8.º vol.: LEON BLOY, O PEREGRINO DO ABSOLUTO — Karl Pflieger
- 9.º vol.: ANDRÉ GIDE, O FILHO PRÓDIGO — Karl Pflieger

### VOLUMES A SEGUIR:

HINOS A IGREJA  
GERTRUD VON LE FORT  
BERDIAEF  
SIGRID UNDSET  
SOLOVIEF

### Outras obras da STELLA EDITORA:

História de São Francisco de Assis  
(para crianças) — Jorge de Lima  
S. Camilo de Lellis — Frei Mansueto Kohnen, O. F. M.  
O Papa do Ghetto — Gertrud von Le Fort  
Cristóvam Colombo — o aventureiro dos mares — Frei Saturnino Schneider, F. S.

Os desenhos que ilustram esta edição foram feitos por H. Martelli



IMPRESA NACIONAL

Biblioteca do Instituto Brasileiro de Serviço Social

N.º

Data 4.º VIII / 1942

COLEÇÃO PRESENÇA

VOLUME VII

KARL PFLEGER

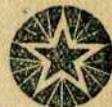
•

# CHESTERTON

O Aventureiro da Ortodoxia

Trad. O. DURIEUX, O. F. M.

920  
P53te  
B00 25883  
v. 7



Stella Editora

Caixa Postal 3.232 — Rio 1943



"I am, the man who with the utmost daring discovered what had been discovered before.

... There never was anything so perilous or so exciting as orthodoxy" —  
(Chesterton).

Não custa lançar sobre uma bela folha de papel branco estas três sonoras palavras: Gilbert Keith Chesterton. Mas traçar em poucas páginas o perfil estuante de vida do homem que traz este nome, desvendar o centro pessoal de humanismo intensíssimo que sob este nome lavra como um incêndio na sua pátria inglesa, e que já passou, há muito, ao Continente, sobretudo à França e à Alemanha, esboçar um arremedo sequer deste magnífico fenômeno é uma acrobacia medonhamente difícil, de que uma única pessoa, quiçá, seria capaz: o próprio Chesterton.

Seria preciso vê-lo e descrevê-lo tal qual ele encara as coisas, com

uma originalidade infantilmente despreocupada, ou melhor, com uma originalidade divinamente, ou ao menos carismaticamente despreocupada, sem ônera e sem peias.

Ultimamente estive usando um par de óculos azues, mas bem depressa os pus de lado. Eles tingiam a exuberância triunfante de julho com uma luz desconsoladora de fim de mundo. A maioria dos homens vê o mundo através de óculos. Chesterton o vê sem óculos.

Diz ele, não sei bem onde: "Debaixo do sol há uma só novidade: a de ter visto o sol". Ter visto, e visto sem óculos, o sol e o que está por baixo dele, parece ser sua proeza máxima, que o tornou um número exótico entre todos os seus sisudos contemporâneos, os quais derramam sobre o mundo primeiro uma bacia cheia de suas disposições afetivas e de suas teorias, antes de o encarar; com o resultado, naturalmente, de o verem preto ou cinzento ou vermelho, nunca, porém, da cor que ele é; e o que vai resultar de sua visão do mundo, é a sombração de alguma realidade monstruosa, quimérica, que desconcerta e assusta o espectador.

Tivesse Osvaldo Spengler escrito na Inglaterra o seu "Ocaso do Ocidente", teria encontrado em Chesterton um adversário que brandiria o tacape da crítica com muito mais violência e menos compaixão do que o fez Teodoro Haecker na Alemanha.

Por que investe ele continuamente contra Shaw e Nietzsche, contra Wells e Maeterlink, contra os pan-teístas, os racionalistas, os evolucionistas e os materialistas? Porque andam com falsa visão do mundo, porque o colocam em luz sinuosa, porque treslocam as coisas essenciais e os pontos de vista essenciais, e têm sua boa dose de culpa que a nossa vida se torne literalmente "tresloucada".

A estes herejes da sã razão é que ele persegue, desde o seu primeiro até ao último livro. É esta a missão para a qual se sente chamado. É este o leitmotiv de sua atividade, que o leva acochado da escrivinha à tribuna oratória, e da tribuna à escrivinha.

O prehistoriografo Barão Bé-gouen queixou-se, em carta aberta a Chesterton, de que num de seus últimos livros, "O Homem Eterno", ele

espargia escárneo e mofa sobre os beneméritos pesquisadores do passado humano.

Isto é mal-conhecer radicalmente a Chesterton. Ele não combate os investigadores do passado humano, mas sim os renegados e os caluniadores do passado humano do homem, que pretendem dar como passado humano o espetáculo artificial de um bastardo deshumano.

Ele faz questão da realidade do homem, timbra em salvaguardar a efígie eterna e espiritual do homem do canibalismo de uma ciência demoniacamente soberba, que se considera fim de si mesma.

Ele acha que a ciência é feita para o homem, e não o homem feito para a ciência. O homem é feito para a vida, para a vida legítima, reta, radiante, sempre maravilhosa, quer na miséria, quer na morte, para a vida que não precisa ser antes inventada pelos sábios, mas que existe sempre.

Mas, o que a estes parece estar oculto é precisamente isto: que o mundo e as coisas são como são.

“A relva germina, as árvores crescem... O céu é esvoaçado por maravilhas aladas e nas verdes profun-

dezas oceânicas movem-se mudos os monstros. Criaturas exóticas locomovem-se a quatro pés, e a mais exótica de todas mantém-se ereta, em dois. Eis aí os fatos, junto dos quais os átomos, a evolução e o próprio sistema solar são meras hipóteses”.

E Chesterton atém-se ao fato primordial, elementar, que enche todos os nossos horizontes, que invade à viva força todos os nossos sentidos: o homem. *Seu eterno tema é o homem.* E ele gostaria muito de dizer, como os filósofos gregos, que o homem é a norma de todas as coisas, se não preferisse dizer, com a Sagrada Escritura, que o Filho do Homem o é.

Quem não conhece Chesterton, perguntará, encolhendo os ombros: “Por que há de vir justamente este homem dizer-nos estas verdades axiomáticas, tão velhas que causam dó? Como se um competente representante da filosofia ou da teologia o não pudesse fazer tão bem, ou melhor, máxime sendo Chesterton “um de fora”!

Oh! não! Neste assunto, pelo qual o nosso inglês se debate, a questão não é de mais sábio nem menos sá-

bio, mas é questão de homem, questão de uma particular espécie de homem, de um homem exatamente como o é Chesterton. Simplesmente não posso esquivar-me de dizer que, se não houvesse Chesterton, faltaria à vida contemporânea, não porventura um raro filósofo, ou um literato indispensável, mas faltaria um raro e indispensável homem.

Não há necessidade de deixar isto provado. Prova-o ele próprio, com cada página que escreve, com cada palavra que diz. Porque escrevendo, ele diz. A escrita é para remediar, é coisa secundária. Ao passo que falar e discutir, isto é primário, é lei natural e necessidade natural. Ao menos o é para o homem.

O homem gosta do restaurante, do clube e do parlamento, por necessidade de falar. Deus o quer. "Não tem a mínima noção de camaradagem aquele que não reconhece um certo cordial prazer em comer, beber ou fumar, materialismo tumultuoso que a muitas mulheres só parece voracidade. Podeis chamá-lo orgia ou cramento, em qualquer caso é algo de essencial. Em última análise é a resistência contra a soberba do indi-

víduo. Até mesmo todo estardalhaço e todo berreiro vem a ser cheio de humildade. O núcleo de toda bulha é uma espécie de raivosa modéstia, desejo de amalgamar todas as almas separadas numa única e despretençiosa virilidade. É uma ruidosa confissão da fraqueza da carne. Nenhum homem deve ter-se acima das coisas que são comuns dos homens. Esta espécie de igualdade deve ser corporal, grosseira e cômica. Não somente estamos todos no mesmo barco, senão que também sofremos todos do mesmo mal do mar".

Gostais? Compreendeis tal linguagem? Ou dá-se convosco o que se deu com aquela assembléia de socialistas, que se riram às bandeiras despregadas, quando Chesterton lhes explicava não haver em toda a literatura poética palavra mais aristocrática e sublime do que "restaurante público"?

Se sois assim, estais perdido para Chesterton, e, o que é pior, Chesterton está perdido para vós. Pois é assim que ele fala sempre. Por ser um *clow* literário, um incorrigível pândego? Não. Mas por ser homem e não

pedante, homem bem natural, sem cerimônias, de uma indômita alegria de viver, de prazer indisfarçável por "vinho, mulher, canto" e por todas as belas coisas que Deus depositou no mesquinho vaso da vida normal terrestre, na existência quotidiana e no tipo vulgar do homem.

Nada mais tolo, nada até mais criminoso do que desprezar o homem vulgar. Ele, Chesterton, o ama, defende, glorifica, porque o homem vulgar, "este é o homem em geral, homem que tem sede de cerveja, que funda religiões, que luta, que é vencido, homem sensual e respeitável", o homem de todos os tempos, o homem eterno vindo diretamente das mãos de Deus.

E Chesterton é o cantor e o vate do homem vulgar. Ele o é em estilo menos lírico do que Walt Whitman, porém com maior pujança de vida, com temperamento democrático de igual calibre, o qual, ao contrário do americano, nutre a sua energia não só da história, mas do *etos* e do *dogma* cristão.

Chesterton tem vocação. Há entre o objeto sobre o qual ele escreve

e o modo pelo qual escreve, uma harmonia preestabelecida.

Sobre o fato de ser ele um homem gigantesco vivo, aberto ao mundo, homem real (não realístico), olvida-se que ele é um literato de raça, um escritor nato. E sobre o fulgurante espírito e o borbulhante humour com que a conversa lhe corre pelos cotovelos, não se lhe repara que sabe tanto como um erudito, e que é tão subtil como o mais subtil filósofo.

E original em tudo. Não como se não falasse de coisas vulgares. É quase só de coisas vulgares que ele fala, mas de tal sorte, que nelas aparecem atributos surpreendentemente invulgares, dos quais ninguém jamais cogitara, por mais vivamente que a todos interessasse.

E se o leitor não é um espírito desenganado, seco como um bacalhau, perceberá que alí está uma alma que vive o mundo com intensidade e frescura tais, como só os grandes poetas as conhecem.

Despertar prazer e amor aos homens e ao mundo é um belo programa. Com sua simples presença Ches-

terton eleva a temperatura da vida. Bem o sentem os que, no além-mar, o chamaram "the jolliest of the good fellows"; e sabem-no por que.

\* \* \*

"Sabes, Hump", diz ele, "os homens modernos têm opinião muito errada da vida humana. Parecem esperar sempre o que a natureza jamais prometeu, e depois fazem por estragar tudo o que a natureza realmente deu. Nestas igrejas atêísticas de Ivywood todos eles falam de paz, de paz perfeita, de confiança ilimitada, de alegria que tudo abrange, de corações que pulsam por todos. Entretanto não têm eles aparência nem por um triz mais simpática do que os outros; e como primeiro objeto que lhes ficava à mão derrubaram o "Navio Velho", e derrubaram com ele mil belas anedotas, pilhérias, cantigas e fiéis amizades... Não sei se Deus entende por felicidade humana a felicidade que tudo abrange, a extrema felicidade. Mas Deus quer que o homem tenha de que se rir, e eu quero continuar assim".

Quem diz isto é o capitão Patrick Dalroy, oficial reformado da mari-

nha inglesa, aventureiro político, e não só político senão universal, aventureiro por natureza, aventureiro da alma e da vida, aventureiro no sentido de todos os heróis dos romances e das novelas de Chesterton, *nas quais ele próprio é o aventureiro.*

Para Chesterton a vida é a mais romântica das aventuras, e só um aventureiro a descobre. O capitão e o seu amigo de infância Humphrey Hump, botequineiro do "Ao Navio Velho", são os heróis do romance "O Botequim Volante". Eles descobrem o segredo da vida reta e sadia, no momento mesmo em que lhes querem tomá-la. Mas só lhes querem tomar o alcool e o direito ilimitado à sua venda?... Por determinação do primeiro ministro Ivywood só podem ser fornecidas bebidas fortes em determinados pontos que, por sinal da concessão, conservam a placa de botequim. Então os dois pegam o letreiro da taverna, um barril de rum e a última grande roda de queijo, e saem com tudo às costas, em perpétua fuga da polícia, cantando e bebendo estes últimos símbolos da vida humana livre e despreocupada, ca-

minhando através da realidade posta a seco pela lei. O botequim volante torna-se estandarte da revolta contra a opressão do homem natural por parte da moderna legislação social. E Lord Ivywood é representante do espírito moderno, cuja íntima natureza se revela no lapidar diálogo havido entre Ivywood e o farmacêutico Krug, preso em flagrante ao vender cachaça.

— “Pensa, talvez, que foi o senhor que fez o mundo, julgando-se com direito de submetê-lo a seus desastrosos melhoramentos?”

— “O mundo não está bem feito, e eu o quero emendar”, diz Felipe Ivywood, com voz cavernosa.

Em todas as grotescas aventuras do “Botequim Volante” a sadia naturalidade com seu profundo núcleo ideal e divino trava luta contra a desnatura do homem moderno, que não conhece limites, nem pátria, nem religião e que, por isso mesmo, simbolizado em Ivywood, cai na loucura.

\* \* \*

Não pude averiguar bem a ordem cronológica das obras de Chesterton. Nem isto é essencial para quem qui-

ser obter clareza sobre seu perfil espiritual. Antes de passar da igreja anglicana para a católica, assim contou ele há pouco tempo ao escritor francês F. Lefèvre, tivera muitas idéias católicas, e, como católico, mal teve necessidade de alterar a sua maneira de encarar o mundo.

Penso que a não tenha precisado mudar em nada, quando, na época de sua mocidade exaltada, voltava de sua religião sem igreja para a fé anglicana de sua infância.

O que inevitavelmente o conduziu à Igreja, tanto anglicana como católica, foi exatamente a sua intuição inata da vida.

Conforme esta intuição direta, a vida lhe era literalmente um portento cheio de Deus, doado ao homem. E imediatamente estava assente sua resolução de se não deixar defraudar dela, mas de ainda ajudar, a si e aos outros, a conseguir plena consciência e pleno gozo do milagre da vida.

Neste núcleo que, em última análise, já era metafísico, estava incluído todo o futuro Chesterton.

Ele foi um homem sempre possuído da verdade evidente do antropo-

centrismo. Visto, pois, como a vida moderna soterra esta verdade num entulho de erros e mentiras intelectuais, morais, políticas e econômicas, ele se propôs, sistematicamente ou de todo insistematicamente, com a impulsividade de sua natureza, com todo o passionalismo de sua personalidade estuante de vida, desaterrar esse lixo e escavar a velha e imortal verdade do homem.

“Deus sabe”, diz o capitão Dalroy, “eu não me tenho por bom; mas às vezes um pecador tem que enfrentar o mundo tanto como um santo”. Dí-lo em nome de Chesterton. Este não se tem por santo padre da Igreja, nem depois de sua conversão; tão pouco como Péguy e menos ainda do que Léon Bloy se tinham como tal.

“Que é que ele conta em suas interminas conferências?”, pergunta Lefèvre a uma senhora inglesa. — “Oh! tudo possível, mas, afinal, só isto: que a humildade é uma grande virtude católica, e que ela nos falta miseravelmente”.

\* \* \*

Que Chesterton provoque tumultos é justamente a “ruidosa confis-

são da fraqueza de sua carne”. Mas combater com este espírito fragoroso e não cessar de combater contra o mundo, e enfrentá-lo desde o primeiro início, isto é uma coisa que Chesterton, o pecador, considera seu mérito, de parceria com o saborosíssimo fregista Dalroy. E com razão.

Não lhe leveis a mal se, alguma vez, no calor da peleja, ele desça com fúria suas bordoadas sobre endereço errado, como, por ex., em “O Homem Eterno”, ele malha o pacifismo um pouco mais do que era justo. E se, aliás, exatamente do ponto de vista cristão, é lícito duvidar se a guerra no plano cósmico de Deus constitue realmente um fator que se não deve preterir, por outro lado o mesmo ponto de vista católico insinua que a guerra é uma modalidade da luta entre o bem e o mal, e como tal será a sorte fatal do homem. É assim que Chesterton a considera. Há de haver luta, não em prol de algum imperialismo, mas contra tudo quanto amesquinha, avilta e torna absurda a vida do homem.

Lêde seu livro combativo por excelência, “O que não está certo no

mundo”, e sabereis como é que ele o entende.

\* \* \*

Que há, afinal, de tão errado no mundo, para Chesterton investir assim contra ele, galopeando as tumultuárias teorias deste livro impetuoso ?

Mil coisas, que se não podem dar aqui, já porque só Chesterton as pode dizer, mas que todas, afinal, culminam nesta: que a civilização mata a cultura, que a máquina rouba ao homem o campo livre de viver, que o “profissional” expulsa ao “homem”, que o domínio da especialização tolhe a camaradagem e a igualdade democrática, que a emancipação escraviza a natureza da mulher, e a escola a da criança. E a injustiça capital, primordial, a base de todas estas violações da vida é: nós nem sequer perguntarmos o que seria justo.

“Entramos em acordo sobre o mal, quando, em vez disso, deveríamos esgravatar-nos mutuamente os olhos por lhe descobrir o remédio... O método comum dos sociólogos, de

primeiro analisar a extrema pobreza, de catalogar a prostituição, é completamente inútil... O único caminho para discutir sobre o mal social, é começar pelo ideal social”.

Este é o caminho de Chesterton. Nenhuma ação social sem ideal social. Nenhuma prática sem teoria. É de estranhar como este homem de mentalidade espantosamente concreta e prática acentua o primado do espírito.

O aforismo do tal homem prático, que intervém, quando tudo anda torto, provoca-lhe escárneo. “Seria muito mais acertado dizer: Quando tudo anda torto, precisamos de um homem pouco prático. Precisamos com certeza, no mínimo, um teórico. Homem prático é o que está habituado à praxe de cada dia, que conhece as coisas quando elas funcionam. Mas, quando não querem mais funcionar, precisa-se do pensador, do homem que entende por que elas funcionam... Quando um avião está ligeiramente avariado, pode, talvez, um homem habil remediá-lo. Mas, se o mal fôr sério, muito provavelmente ter-se-á que ir buscar dentro dum

colégio ou dum laboratório um velho professor, todo distraído, de cabelo branco em desalinho, para examinar o defeito. Quanto mais complicada a avaria, tanto mais velho e distraído deve ser o teórico que vai consertá-la; e em certos casos nenhum outro seria capaz de dizer o que há com o aparelho, senão só o homem provavelmente desequilibrado que o inventou.

Com efeito: é num verdadeiro galope de teorias que Chesterton entra a cavalo na farmácia moderna, vasta e cheia de mil tisanas sociais, mais duvidosas que as próprias doenças. Galope fragoroso, que deixa muitos cacos, mas que, ao mesmo tempo, abre espaço de vida para as verdades subjugadas que são os únicos remédios.

E eis: aquí, no meio das necessidades concretas e banais da vida moderna surge, com estupenda espontaneidade, o conhecimento de que só a verdade salva.

E o que é a verdade? Chesterton, neste livro, de propósito não fala de religião. Mas não pode deixar de dizer que temos uma única alternati-

va: o dogma ou o preconceito. "A Idade Média foi uma idade... de "doutrina"; a nossa Idade é, na melhor das hipóteses, uma idade de preconceito. Doutrina é um ponto de vista determinado; preconceito é uma "direção". Doutrina é: que se pode comer vacas, e não homens; preconceito, que às vezes passa por ideal é: que se deva comer de tudo o menos possível".

O mundo moderno está dominado de grandes, irreconciliáveis preconceitos, de tendências indefiníveis, de correntes ilimitadas e de vagas modas. Por isso é que resvala para o caos. A emancipação é uma tendência que conduz à capitulação da mulher, e somente uma "doutrina" sobre a natureza da mulher pode conservar ao mundo a admirável visão da mulher. As roupas femininas, curtas, curtas demais, perderão todo limite para cima quando não existir um dogma da castidade. Esta observação Chesterton fez em 1933, na citada entrevista com Lefèvre. Ela não é mais do que uma conclusão oportuna de tudo quanto, com a profundidade da verdade singela, ele dissera

no seu Anuário de 1908 sobre a mulher e sua roupa. Tivessem as mulheres um pouco de curiosidade pelas opiniões modísticas deste homem, o mais viril dos homens modernos!

Por outras palavras, Chesterton já naquele tempo considerava o homem do ponto de vista não só das condições fundamentais da natureza, mas do da realidade religiosa, ou antes, já naquele tempo considerava a religião como elemento inseparável da realidade humana e da essência eterna do homem. Não o podia de outra forma. Para tanto, ele era homem por demais real, homem completamente humano.

E com isto voltamos ao perfil espiritual de sua personalidade, que é o que mais nos interessa aqui. Só agora o vemos propriamente no plano em que sua personalidade clarece bem, no qual rebrilha o mistério de sua essência íntima, de sua plenitude e de sua riqueza.

*Chesterton* é um verdadeiro *homo religiosus*. Suponho que inumeráveis de seus leitores não se importem de religião. Sei que a qualidade "literária" de suas obras não se mudou de-

pois de sua conversão ao catolicismo. Que desde então o olhar que ele deita ao mundo se tornou ainda mais profundo, mais alegre e mais seguro, que o seu coração e seu espírito foram ungidos e acesos pelo mistério da graça que sacramentalmente penetrou em sua vida. Eis aí uma coisa que só o cristão "interior" percebe, e que percebem sobretudo aqueles que pessoalmente são atingidos pelo fluido sobrenatural de renascimento, irradiado pelo Chesterton católico.

Repitamo-lo: Também o leitor de Chesterton, que por princípio não se ocupe de religião, há de importar-se com a religião de Chesterton. Porque simplesmente não há Chesterton sem a religião.

Logo ao pronunciar o seu nome, entreouvimos soar com ele um velho e querido vocábulo: *ortodoxia*. Palavra esta que encabeça o seu livro mais célebre, mais rico e mais original, um dos melhores livros do cristianismo contemporâneo, livro que não se esgota nem mesmo com doze leituras. Palavra que, desde há mui-

to, era enfadonha, vazia e morta para os cérebros modernos e que Chesterton deixou tão viva como se fosse a própria vida. É que vazios e mortos estavam os cérebros modernos.

Pois a admirável descoberta foi a seguinte: que a ortodoxia e a vida são idênticas.

Ele não foi cavar em velhos e eruditos alfarrábios a verdade que o cristianismo é uma instituição antiga e veneranda, não despropositosa também para os nossos tempos modernos. Não. Foi no flagrante da vida moderna, hoje e aqui, concreta e palpavelmente, que ele verificou ser o cristianismo a mais moderna de todas as coisas. Saindo à procura do campo espiritual, no qual fosse possível medrar “uma vida ativa e inventiva, pitoresca e repleta de curiosidade poética, tal qual ela sempre é desejável, ao menos no Ocidente”, encontrou-a dada — no Símbolo dos Apóstolos.

Esta descoberta foi a aventura espiritual básica de sua vida. Porque, se alguém, um belo dia, sai ao mar ilimitado das opiniões do espírito ou do desespírito moderno, em busca da

verdade, isto é uma aventura redondamente inverossimil e verdadeiramente fantástica. Tão fantástica que nem a podeis imaginar, se não tiverdes lido o próprio relatório de Chesterton.

Um olhar por alto, apenas; algumas provas de capítulos do livro: O demente — o suicídio do pensamento — a ética do reino das fadas — a bandeira do mundo — os paradoxos do cristianismo — a autoridade e o aventureiro...

É o bastante para adivinhardes como tudo anda amalucado. E sobre isto acresce que o aventureiro é provavelmente o mais genial e mais sentimental humorista de nosso tempo. Ao menos da introdução deveis saborear alguns períodos:

“Mais de uma vez sentí vontade de escrever o romance de um navegante inglês que nas suas viagens se perdeu um pouco, e veio a descobrir a Inglaterra, cuidando ser ilha do Oceano Antártico. Bem se pode imaginar que cara de tolo deveria ter feito quando, armado até os dentes e falando por sinais, efetuasse o desembarque, para içar a bandeira in-

glesa num templo bárbaro que depois se revelaria como sendo o pavilhão de Brighton. E por que negar que de fato tenha ficado com cara de bobo? Mas, quem cuidasse que ele próprio se achou tolo ou que a consciência de tolice foi o seu sentimento único ou ainda o sentimento preponderante, não teria apreendido com bastante finura a natureza assaz romântica do meu herói. O seu erro foi, de fato, um erro supremamente feliz...

Sou eu o homem que teve a ousadia de descobrir o que já estava descoberto. Se, pois, houver alguma pilhéria no que segue, esta pilhéria irá à minha custa, pois tenho o propósito de esclarecer aqui como se deu isto de eu pensar ser o primeiro a pôr o pé em solo europeu, reconhecendo depois que viera por último.

E deve aqui ser abordado o assunto das brutas burlas que cometi na busca ao que já estava presente.

O meu caso, ninguém o pode achar mais exótico do que eu próprio o acho; nenhum leitor me acuse de eu o tomar por pândego; sou eu mesmo o palhaço desta história e não

me deixo destronar por nenhum revolucionário.

Confesso abertamente todas as ambições desmioladas que datam do fim do século 19. Como todos os demais moços, eu aspirava a estar avançado da época. Pretendia, como eles, chegar dez minutos antes da verdade. E ví que estava caminhando 1800 anos atrás dela.

Com um entusiasmo desagradavelmente pueril eu elevava a minha voz, para oferecer as minhas verdades. E fui castigado de maneira muito justa e cômica — pois fiquei com minhas verdades. Mas descobrí, não que não fossem verdades, mas simplesmente que não eram minhas. Cuidava eu estar só, e ao invés, encontrava-me na situação ridícula de ter a cristandade inteira a meu lado.

Podia ser — Deus que me perdôe — que eu me esforçasse deveras por ser original; entretanto não conseguí mais do que fabricar, por própria conta, uma ordinária cópia das permanentes tradições de uma religião civilizada.

Aquele navegante cuidava ser o primeiro a descobrir a Inglaterra; eu

cuidava ser o primeiro a descobrir a Europa. De fato, pretendia fundar uma seita própria, e já tinha acabado de compô-la com muita felicidade, quando vim a descobrir que ela era — ortodoxa.

O relato deste agradável fiasco encerra, talvez, para um ou outro, algo de hilariante. Suponho que seja interessante para amigos e inimigos, ler de como eu, da verdade de alguma lenda, ou do erro de alguma filosofia em voga, fui aprendendo coisas que poderia ter aprendido no meu catecismo — se jamais o tivesse estudado. Assim, pois, vai interessar ou desinteressar ler como afinal fui encontrar num clube de anarquistas ou num templo babilônico o que poderia ter encontrado na igreja paroquial mais próxima. A quem, por acaso, interessar saber como as flores lá fora no campo, ou uma palavra apanhada a esmo no bonde, incidentes políticos ou sofrimentos da mocidade se ajuntaram em determinada ordem, para provocar uma determinada convicção de ortodoxia cristã, a quem isto interessar saber,

este talvez lerá até ao fim estas coisas”.

Talvez. Por que “talvez”? Terá uma hesitante dúvida sobre o interesse geral por sua aventura invadido subitamente a boa disposição do narrador? Isto não. Mas ele sabe que irrita a muita gente com suas caçadas aos paradoxos. Não podem suportar que ele, em face das coisas mais sérias e mais sagradas, sempre tenha que achincalhar a alguém ou alguma coisa.

De fato, é exquisito, concorda Chesterton. Mas, que fazer, se ele, quanto mais fizer espírito, tanto mais seguramente alcança o verdadeiro caminho?

E isto não é absolutamente caso ou acaso de idiotice. No livro “*Herejes*”, que precedeu a “*Ortodoxia*”, ele reconheceu claramente que “o paradoxo não é outra coisa, senão uma certa alegria provocadora, característica própria da fé”. O crente não é nenhum pisa-mansinho, e nem o deve ser, se é que leva a sério sua fé e reconhece a Jesús Cristo como Salvador do mundo.

Cristo não fez muita cerimônia,

mas perguntou, assim de cara, a toda gente, se queriam ser condenados ou salvos. Falou coisas tão inverossímeis e socialmente tão revolucionárias, como o tal aforismo dos primeiros que seriam os últimos e dos últimos que seriam os primeiros. Aparentemente pôs tudo de cabeça. Na verdade, porém, as coisas estavam de cabeça, e ele as pôs novamente de pé, quer dizer, reconduziu-as à posição original e primitiva.

A lei e a palavra da graça devem ser paradoxais, porque o pecado pôs primeiro o homem em situação paradoxal. Portanto, também *Chesterton* é paradoxal. E quando os retesados e graves pedantes se enfurecem por ele lhes chegar a mostarda ao nariz, *Chesterton* fica todo encantado por ter entregue ao ridículo a seriedade que afetavam. Pois mais não merecem. Há uma seriedade diabólica, como há uma leviandade divina.

Tal é o aventureiro da ortodoxia.

Precisa-se de muitos e diferentes cristãos, para formar uma cristandade; precisa-se de paroquianos de todos os matizes para formar uma paróquia; assim o entende *Péguy*. E

*Chesterton* será, sem dúvida, o último a contradizê-lo. E justamente por ser tão diferente dos demais "paroquianos" de Cristo é que ele cabe aqui nesta série que pretende ser uma coleção-modelo de tipos característicos da grande família dos espíritos de Cristo.

Também este é um lutador de Cristo. Não naquele sentido patético, como se tivesse caído nas mãos de Cristo como nas do Deus vivo, com quem se luta pela salvação da alma imortal. Mas neste outro sentido, que ele, pelas mãos de Cristo, foi elevado a uma visão nova e sublime do mundo, qual ele nunca imaginara, sentindo-se então obrigado e chamado a pregar e anunciar o cosmos de *Jesús Cristo*, e a abri-lo às almas e a abrir-lhe as almas.

Na sua entrevista com Cristo não parece ter gasto muito tempo com seus interesses pessoais. Provavelmente não teve nenhuma experiência mística extraordinária, como as tiveram *Bloy*, *Gide*, *Solovief*. Mas ele compreendeu simplesmente que a vida inteira é um negócio enormemente místico, e que só no cristia-

nismo se conservou o instinto pelo carater místico e romântico da vida. No cristianismo há lugar para "admiração, curiosidade, espírito aventureiro moral e político, justa indignação", porque há lugar para o Deus pessoal e supramundano.

O panteísmo, em virtude de sua natureza, deve deixar valer tudo da mesma forma, visto como tudo é divino; tudo tem igual valia, e é portanto, indiferente; o homem está e continua encerrado em necessidades brônzeas, destacado de toda possibilidade de uma evolução para alguma novidade.

Quando muito, algumas religiões deixam ao homem a possibilidade de seguir, pelos labirintos do próprio eu, os vestígios do divino. "Mas só a nós, cristãos, foi ordenado perseguir a Deus como a uma águia nas alturas: e nesta caçada derrubamos todos os monstros".

Eis aí, sobretudo, por que Chesterton, com tão incontida e ímpetuosa alegria, se tornou cristão, e cristão católico: ele está absolutamente norteado para a hilaridade, para a luta e para a aventura, e o cristia-

nismo o transporta à arena da mais intensa atividade espiritual. Em todos os tempos Cristo teve em sua família espíritos intelectuais que se interpuseram por ele em luta, num confessionalismo combativo.

Talvez haja, hoje em dia, menos falta de apologistas do que de gente que queira aprender com eles São, às vezes, muito pachorrentos e muito solenes, e expõem demasiada erudição ou piedade em suas vitrines. Qualificaram a Bloy de escatologista, porque não poupava nem os piores coctes do mais trivial vocabulário. "Se eu", respondeu ele, "como escritor radicalmente religioso, me permitisse escrever sem suco, sem violência, enfadonhamente, ninguém me leria, e o prejuizo seria da causa de Cristo".

Neste ponto Chesterton leva vantagem a Bloy e a todos os espíritos cristãos descritos nesta série. Não tem necessidade de se esforçar por manter o mais vivo contacto com seu público. Não está nunca a sós, quando escreve.

Pois, a bem dizer, ele não escreve; discute, polemiza, fala de um só

fôlego, suspenso de tanta emoção, cochicha, escreve e ri a rédeas soltas, assim como o orador nato, ao qual as almas de seus ouvintes estão patentes como as suas fisionomias.

Ao lê-lo, tem-se a impressão de um torneio de esgrima. Ei-lo em seu posto, o gladiador onipresente que se volta para todas as frentes, a brandir em eterno círculo a sua espada, com uma elegância incansável e certa. Sim, um guerreiro, um gladiador de Cristo. E que gladiador!

Este súbito conhecimento invade como furacão muitos cérebros contemporâneos e varre de lá grossa poeira de toda sorte de idéias que ali já não levam senão uma penuriosa existência esquemática. A palavra "soldado de Cristo" é uma tal poeira que sobrou do catecismo. Ao ouvi-la, a gente imagina algum antigo martir cristão, ou um monje medieval, se é que ainda se imagina alguma coisa.

Vem então Chesterton, e prova simplesmente com sua existência, que o espírito moderno na sua forma mais sisuda, humorística e uni-

versalista, apenas serve, mal e mal, para esta antiquada profissão de soldado de Cristo. Prova mais: que o cristianismo, longe de ser ocupação para padres cosmóforos, piedosos e rabugentos, é a única porta que conduz a uma vida alegre, vigorosa, matizada e romântica nesta terra dos homens.

Modo exquisito e raro, este, de se fazer apologética; mas é uma apologética vicejante, de uma poderosa plenitude de vida pessoal, que se não contenta com defesa repulsiva das posições da fé, mas que mostra, na fé, a terra dos milagres e das lendas, à qual o homem é conduzido na ousada viagem exploratória da razão sã e incorrupta. Talvez seja justamente esta a apologética de que mais urgentemente necessita o homem vulgar que Chesterton ama e para quem escreve.

Estou convencido de que, se se pudesse levar o homem comum a considerar a vida à moda de Chesterton, com este olhar incorruptível e honesto, com esta vontade incondicional de um humanismo pleno e acabado, ele, afinal de contas, deve-

ria acabar sendo "ortodoxo", com orgulho e fervor. Não como se chegasse, sem mais, àquele ponto puramente sobrenatural só conhecido do fiel, ponto em que a verdade, pousando indubitavel em si mesma e cobrindo todo o nosso horizonte se nos impõe. Isto não. Mas ele perceberia estupefato como, pouco a pouco, a atmosfera espiritual da vida se livraria de todas as quimeras e fantasmagorias, de todas as ilusões e enganos que até então o confundiam e pesteavam.

Acontecer-lhe-ia como a Chesterton.

\* \* \*

Chesterton confessa que o seu "parti-pris" pelo cristianismo é espiritual; mas nem por isso é simples, tanto que se baseia numa quantidade enorme de fatos pequenos, concordantes.

"Minha atitude foi determinada, como a "norma" dos agnósticos, por uma coincidência de variadíssimas observações. Só que na norma dos agnósticos todos os fatos entram em confusão. O agnóstico é descrente por diversos motivos. Mas seus mo-

tivos são errados. Ele duvida, porque os tempos medievais eram bárbaros, o que não é verdade; porque o darvinismo é irrefragavel, coisa que tambem não é verdade; porque não acontecem milagres, mas o fato é que acontecem, porque os monjes se comprovaram como incompetentes, mas eram muito competentes; porque as monjas são infelizes, mas são manifestamente contentes; porque a arte cristã era pálida e melancólica, mas ela se agradava das cores vivas e douradas; porque a ciência moderna se afasta do sobrenatural, mas ela, ao contrário, ruma com a velocidade de um trem para o sobrenatural".

\* \* \*

Esta última frase, infelizmente, chama minha atenção para o fato de que a esperança que eu tinha no homem comum peca por otimismo exagerado. O homem medíocre não é Chesterton, e Chesterton não é homem medíocre. Incontestavelmente vivem nele todas as boas qualidades do homem vulgar, mas de forma purificada, elevada, incrivelmente potenciada.

Ele é como o homem vulgar poderia ser, como deveria ser, mas infelizmente não é. Onde se encontra hoje o homem comum, seja ele o "homem da rua", o cientista, o escritor, que com a sã razão e o espírito naturalmente aberto, com ilimitada disposição espiritual para receber em si a verdade, se apresenta em face das coisas — quanto mais dos mistérios — assim como Chesterton o fez por índole?

Numa conferência Teodoro Haeker pronunciou a amarga sentença de que "os nossos intelectuais, mesmo filósofos, nem de longe querem a verdade, mas sim o poder ou o prazer ou a vida".

Chesterton também quer o prazer e o poder da vida, mas dentro da verdade e por meio dela. Os seus livros são um único clamor sempre crescente por alegria, ou melhor: são uma exclamação de alegria. Pois ele possui a alegria, como a possui o homem que se sabe vivendo sob os olhos de Deus, banhado na eterna luz do espírito, que ilumina a todos os homens; ele a possui e mesmo que sua fonte como o sol chamejante lhe que-

de oculto em invisibilidade triunfante. Se ele ama o cristianismo, ama-o porque este lhe desvenda o último mistério da alegria. Não há alegria se não houver Deus. O paganismo alegre é uma fábula. Os pagãos alegavam-se das pequenas coisas e entristeciam-se das grandes.

"Giotto vivia numa cidade mais sombria do que Eurípides, mas vivia num universo mais alegre... O cristianismo repentinamente realiza o antigo instinto dos homens, de tomarem sua atitude ereta; realiza-o plenamente, porquanto, em virtude da fé, a sua alegria cresce a uma potência ingente, ao passo que sua tristeza, por assim dizer, se especializa e decresce. A abóboda celeste não fica surda mais tempo, porque o universo está sem vida; o incompreensível não é desalmada incompreensibilidade dum mundo ilimitado e errante. Antes, pelo contrário, o vasto silêncio em torno de nós é um silêncio cheio de alma e de misericórdia, como o silêncio auscultante no quarto do enfermo. Talvez nos seja concedida a tragédia em forma de comédia compassiva; porque seríamos

avassalados e dominados pela violência tempestuosa das coisas divinas como de uma farça ébria. Com mais facilidade podemos olvidar nossas próprias lágrimas, do que olvidar o inominável júbilo dos anjos. Assim, talvez, permaneçamos num espaço sídereo silencioso, porque as gargalhadas celestes são fortes demais para serem por nós percebidas”.

Que é isto? Prosa admiravelmente burilada de um literato-mestre, devaneios líricos de um poeta clandestino, ou...?

Não indagemos muito: É a irrupção do místico Chesterton através da superfície do humanismo da mediocridade, tão impetuosamente cultivado e afetado por ele.

Rematemos o perfil da personalidade de Chesterton até agora delineado, indicando ligeiramente o seu elemento místico.

Num artigo do “Hochland” de janeiro de 1923, Carlos Ch. Bry penetra profundamente e com muita simpatia na essência de Chesterton e escreve que “um homem de tal índole e de tal orientação se poderia tornar

místico, para o que, porém, lhe falta o último inominável”.

Pode ser que no sentido estrito da palavra não o possamos chamar assim. Há nele e na sua obra uma dedicação tão intensa à policroma multiformidade da vida exterior, a ponto de fazer retroceder ou pelo menos de impedir que apareça com violência aquilo que perfaz propriamente o místico, a ardorosa luta pela relação da alma com Deus e o viver de Deus na profundeza da alma. Ele mesmo acharia arrogância ser colocado ao lado do místico Newman — para não citar logo os mais sublimes. Mas entre Bloy e Solovief já estaria bem colocado. Entre os místicos preponderantemente literários e filosóficos — tal tipo fatalmente existe — ele pode reivindicar com honra o seu lugar.

Nos seus livros pululam todas as coisas do mundo, mas em dança harmônica, no equilíbrio divino reconquistado, que só é possível em torno do centro místico da vida.

A mística cristã baseia a sua essência não na negação do universo real, mas na afirmação do universo

espiritual. Chesterton, como Pascal, e como Bossuet em seu "Discours sur l'histoire universelle", tem do mundo natural uma visão absolutamente sobrenatural. O seu mundo é o da "ortodoxia", o mundo de São Francisco, ao qual dedicou um livro que bem atesta um profundo parentesco místico com o santo, e é o mundo do "homem eterno".

Se os seus primeiros livros são uma como que vitória da sã razão do homem, os dois últimos são o triunfo da natureza humana íntegra e misteriosa, que se sabe ancorada com o seu núcleo mais íntimo nas bem-aventuradas profundezas de Deus.

Entretanto, o "inominável" do místico, encontro-o também em Chesterton. Não posso ler nada dele, sem o encontrar. Sobretudo nos seus romances e nas suas novelas.

É verdade que ele não trata logo dos mais elevados temas da vida mística, como o faz, p. ex. Bernanos; mas as suas histórias, girando sempre de novo em torno de religião e irreligião (sobretudo o romance "Ball and Cross" vertido para o francês pela *Revue*

*Universelle*), encerram páginas incandescentes de fogo místico. Todas as suas novelas são enormemente fantásticas. Perante o olhar místico de Chesterton para o mundo, desvenda-se a verdade da sentença de Pascal que a fantasia da realidade sobrepuja a fantasia da imaginação humana. Às vezes são mais terroristas do que as novelas de Poe. Mas não é o terror de Poe, e sim o temor de Dostoievski perante o anticristo, cujo rosto ele lobriga estarrecido através da máscara lisa do ateísmo humanístico.

Naturalmente, Chesterton, fora deste olhar místico, não possui a menor semelhança genealógica com Dostoiévski. Ele não é homem do subsolo. Não é nenhum vidente a olhar, tartamudeando, o abismo metafísico, como Pascal. Apoteoses assim o fariam rir; porque ele anda sempre de espírito contente.

O que ele possui de profundidade mística, supõe ele que seja a provisão de qualquer homem vulgar bem nascido.

E se algum élan místico o faz abandonar-se imprevisivelmente a alguma

atitude visionária, bem depressa ele desce de si, entoa uma série de homéricas gargalhadas e assevera ser absolutamente vontade de Deus que o homem tenha neste mundo o seu divertimento.

Mas, se alguma pretensão possui, creio ler bem entre as linhas do seu "Francisco", seja esta: a de ser um pândego de Deus, assim como o Poverello, e apregoar, por própria conta e a seu modo, a obra da onipotência divina, o perpétuo e permanente milagre do mundo.

